

O expediente argumentativo no jornalismo de Eliane Brum: análise das colunas ao El País Brasil¹

Tayane Aidar ABIB²

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, SP

Resumo

O presente artigo se propõe a analisar as produções jornalísticas de Eliane Brum à edição brasileira do El País, com o objetivo de investigar as configurações narrativas de seus textos e compreender sua atuação como colunista no ambiente digital. Trata-se de um estudo que busca evidenciar características de sua prática noticiosa que se manifestam sob o expediente da argumentação, isto é, refletir sobre as nuances do Jornalismo de Desacontecimentos – conceito definidor do percurso profissional de Brum - no gênero opinativo. Para tanto, desenvolve uma análise interpretativa das colunas mais acessadas pelos leitores no ano de 2016, com base em um levantamento de dados realizado junto à direção do El País e em entrevistas com profissionais do jornal.

Palavras-chave: Teorias do Jornalismo; Complexidade; Compreensão; Eliane Brum; El País.

Introdução

Este estudo se dedica a investigar o recente percurso narrativo de Eliane Brum como colunista no ambiente digital, especificamente suas produções à edição brasileira do diário espanhol El País. Desde o início de sua carreira profissional, em 1989, Brum experimenta diferentes dinâmicas produtivas no cenário noticioso. Como repórter, atuou onze anos no jornal Zero Hora, de Porto Alegre, e dez anos na revista Época, em São Paulo. Desde 2010, trabalha como jornalista *freelance*, dedicando-se à escrita de colunas, inicialmente para a edição *online* da revista Época e há quase quatro anos para o El País Brasil. Neste estágio atual, seus textos também são traduzidos e publicados nas versões espanhola e latina do diário.

Para a presente pesquisa, interessa refletir sobre as características de suas produções sob o expediente da argumentação, isto é, a arquitetura narrativa de seus registros atuais ao El País, de modo a evidenciar os valores e técnicas manifestos em suas colunas e identificar as possíveis interfaces entre essas configurações e sua atuação como repórter do meio impresso. A essa prática jornalística que envolve os modos

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Unesp/Bauru, email: tayaneaabib@gmail.com

singulares de fazer de Eliane Brum, referimo-nos como Jornalismo de Desacontecimentos: um universo conceitual de traços e movimentos característicos às suas produções, que busca traduzir sua escolha em centrar-se na apropriação de fatos não-marcados, isto é, “fatos não imediatamente relevantes para o cânone da cultura jornalística, normalmente desconsiderados pela marcação (pauta) da grande mídia” (SODRÉ, 2009, p.76).

Aludiremos a essa concepção com maior profundidade no desenvolvimento deste artigo; por agora, cabe ressaltar que a proposta é compreender como a ideia do desacontecimento se revela no gênero opinativo, indicando os elementos que permanecem e aqueles que se transformam, ou evoluem. Para tanto, realiza-se um primeiro trajeto teórico, com o intuito de articular a prática jornalística de Brum e a epistemologia complexo-compreensiva (KÜNSCH), seguido de uma análise interpretativa das colunas mais acessadas por leitores da edição Brasil no ano de 2016.

Neste sentido, este artigo resulta também de uma investigação de campo feita na sede do jornal El País, em Madrid, nos meses de janeiro e fevereiro de 2017, baseada no levantamento de dados quantitativos junto aos diretores do diário e em entrevistas com seus profissionais a respeito do trabalho jornalístico de Brum e da própria inserção do meio espanhol na América Latina e, especificamente, no Brasil.

O universo conceitual dos desacontecimentos: apontamentos práticos e dimensões teóricas

Conforme pontuado anteriormente, a carreira profissional de Eliane Brum revela contextos produtivos diversos. Apesar de acumular quase sete anos de experiência como colunista na web, sua trajetória é majoritariamente marcada por uma rotina jornalística de mídia impressa e por seu trabalho de repórter, ora no eixo sul, ora no sudeste do Brasil. Foi, inclusive, neste primeiro período, que ela teve a oportunidade de escrever sobre pessoas anônimas, com histórias de vida extraídas das ruas do Rio Grande do Sul – um trabalho que resultou no livro-coletânea “A vida que ninguém vê” e que passou a nortear os seus passos seguintes.

Neste sentido, já desde esses momentos iniciais é possível evidenciar aspectos de divergência entre a prática jornalística de Brum e o *modus operandi* dos meios tradicionais, isto é, destacar elementos que permitem particularizar o seu fazer e distingui-lo da cultura noticiosa partilhada pela comunidade profissional, referenciada por Traquina (2008) como tribo jornalística. Tendo em consideração que esta tribo se

caracteriza pelas maneiras altamente homogêneas de ver, agir e falar de seus membros – os saberes específicos de reconhecimento, procedimento e narração, respectivamente –, é possível identificar diferenças entre os valores e métodos acionados por Brum e pela grande mídia.

De uma análise das reportagens de Brum em contraste com as características desta cultura noticiosa (VENTURA E ABIB, 2015), depreende-se a configuração de uma dinâmica jornalística com etapas produtivas próprias, que denominamos Jornalismo de Desacontecimentos. Esta concepção engloba um universo de práticas de resistência às convenções difundidas tradicionalmente, e enfatiza uma espécie de ruptura ou provocação aos critérios de noticiabilidade, a partir da escolha jornalística, e também política, de Brum de contar os que estão à margem da narrativa.

Sendo assim, seu interesse pelo homem ordinário e pela rotina do comum, entrelaçado a técnicas de apuração que mobilizam os cinco sentidos e a entrevistas que refletem o diálogo dos afetos (MEDINA, 2006), dá mostras de um fazer jornalístico desvencilhado do “código de produção dos acontecimentos” (SODRÉ, 2009, p.98) e, portanto, pautado pela anti-notícia ou pelo desacontecimento, isto é, pela cobertura de protagonistas sociais ou de fatos não abordados nos circuitos tradicionais.

O escopo teórico dos desacontecimentos, neste sentido, sobretudo pelas atuações de Brum como repórter, alude às reflexões de Medina e à Filosofia do Diálogo, de Martin Buber. Trata-se, por assim dizer, de uma proposição, a partir das práticas exemplificadas por Brum, de associação dos universos de sensibilidade, diálogo e afetos no jornalismo (VENTURA E ABIB, 2016), com o intuito de alargar as vias para a compreensão do Outro e estreitar uma aproximação intersubjetiva a realidades distintas.

No compasso da pergunta que sempre a acompanhou como repórter, “descobrir o que dá sentido à existência de cada um e compreender como cada pessoa – em geral com muito pouco – reinventa a sua história (...) o que busco é a poesia – singular, única e intransferível – que cada um arranca dos dias” (BRUM, 2013, p.197), Brum realiza um movimento de despojamento de si para a apreensão dos significados de suas fontes, o movimento da reportagem, definidor de suas narrativas:

Antes de chegar em qualquer mundo, a gente pede licença. E a minha forma de pedir licença é fazer um processo de entrega, em que eu me esvazio. Eu só posso ser preenchida por aquela realidade se eu me esvaziar. E esse processo não é fácil, porque tu tem que ir para o mundo do outro, sem os teus preconceitos, sem os teus dogmas e, principalmente, sem as tuas certezas, com a coragem e o respeito de se

arriscar a uma realidade que não é tua, e se espantar com essa realidade (BRUM, 2008, p. 14).

Essa ideia de abertura encontra concordância teórica com o pensamento de Buber (1982) a respeito da palavra-princípio Eu-Tu ou do movimento básico dialógico, que, segundo o autor, consiste no “voltar-se-para-o-outro”, “sair-de-si-em-direção-ao-outro”, “alcançar-o-outro”, “permanecer-junto-ao-outro”, acolhendo-o em sua existência específica. A essa relação dialógica, que permite “tatear para fora dos contornos de si mesmo” (BUBER, 1982, p.55), o filósofo também se refere como encontro genuíno ou tomada de conhecimento íntimo: “significa, em geral, experienciá-lo como uma totalidade e contudo, ao mesmo tempo, sem abstrações que o reduzam, experienciá-lo em toda sua concretude” (BUBER, 1982, p.146-7).

Nesta linha, a prática de Brum alicerça-se, ainda, no signo relacional abordado por Medina, a interação social criadora, que disfruta da possibilidade de “estar afeto a” e que “assume o compromisso ético, técnico e estético em relação à realidade”, “aceitando a experiência transformadora do contato com o mundo” (MEDINA, 2014, p.53). Supera, por fim, a herança positivista, cujas marcas epistemológicas ainda se fazem notar no jornalismo: “a relação objetiva com o real; a tendência para diagnosticar o acontecimento social no âmbito da invariabilidade das leis naturais; a ênfase no tom informativo; a busca obsessiva pela precisão dos dados; a fuga das abstrações” (MEDINA, 2008, p. 24).

Evidencia-se, portanto, no fazer jornalístico de Brum, um interesse permanente de integração no universo do Outro, de partilha da intersubjetividade como uma condição de seu ofício e como compromisso com seu leitor. Sua carreira profissional, neste sentido, marca-se por uma atitude de acolhimento de realidades, vozes e significados. Trata-se de narrativas que se dedicam a entrelaçar sentidos, seja de protagonistas anônimos ou de contextos sociais.

Como colunista, seu novo percurso parece também caminhar por esta via, preservando a essência do movimento da reportagem ou dos desacontecimentos, como indica a própria Eliane Brum no livro “A menina quebrada”, que reúne algumas de suas colunas para a edição digital da revista “Época”: “e assim começou minha coluna, desde o início marcado pelo fato de que sou uma repórter escrevendo uma coluna de opinião” (BRUM, 2013, p.14).

Minha coluna é imprevisível primeiro para mim. O leitor, porém, não sabe o que vai encontrar, mas sabe. Meu pacto com quem me lê parte

de algumas regras pessoais, e estas eu não transgriro: 1) tenho de estar tomada pelo assunto, porque essa é a primeira verdade que ofereço; 2) preciso acreditar ter algo a dizer que ainda não foi dito por outros articulistas, ou pelo menos não da forma como eu gostaria de dizer, evitando tomar o tempo das pessoas com um texto que elas poderiam ler em outro lugar; 3) tenho de ter estudado muito antes de escrever, porque o olhar e a ideia são apenas pontos de partida para a investigação que vai permitir a construção de um texto consistente, ainda que algumas vezes essa investigação seja uma trajetória acidentada pelos meus interiores ou memórias (BRUM, 2013, p.15).

A esse traço definidor de suas produções, acrescenta-se, ainda, uma nova característica, manifesta com o ambiente digital: a complexidade na narrativa. Este novo aspecto se associa ao recurso espacial da internet e ao próprio horizonte de experimentação proporcionado pelo formato coluna. A ausência de limites de extensão e as possibilidades de integração da rede, somadas à própria concepção jornalística de Brum, possibilitaram aos seus textos explorarem uma escrita mais aprofundada e articulada, em sintonia com a origem latina de *complexere*: abraçar.

Tal qual pontua Morin (2002, p.06), “o pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional”, busca reconectar os domínios separados do conhecimento fragmentado ou disjuntivo. Resiste, portanto, à parcialização do pensamento simplificador, ao predomínio de uma visão mutiladora e unidimensional que, quanto aos fenômenos humanos, traduz-se na “incapacidade de conceber a complexidade da realidade antropossocial, em sua microdimensão (o ser individual) e em sua macrodimensão (o conjunto da humanidade planetária)” (MORIN, 2007, p.13).

No universo do jornalismo, a reflexão em torno de uma epistemologia da complexidade alude às investigações de Dimas Künsch e ao seu trabalho de harmonizar diferentes conceitos e pensadores em uma mesma chave teórica. Conta, neste sentido, com as contribuições de autores já mencionados neste artigo e de outros, de diferentes áreas do saber. Incorpora, no campo jornalístico, as ponderações de Morin sobre a necessidade de uma reforma do pensar. E propõe também associar o signo da compreensão a esta episteme, como um caminho para a promoção de teorias e narrativas abertas.

Quando se alia à compreensão, portanto, a complexidade passa a se manifestar como uma possibilidade de tecer enredos com menos conclusões ou explicações e com mais dúvidas e buscas, no sentido invocado pela incompletude e pela necessidade de diálogo. Narrativas, nas palavras de Künsch, com “menos portanto” e “mais talvez”.

Um pensamento de tipo compreensivo ou plural abre janelas e portas para se visualizar esse terreno muito vasto, fértil e, às vezes, em maior ou menor grau pantanoso, de aproximações possíveis ao real, aos acontecimentos e, inclusive, porque é basicamente disso que estamos tratando, ao campo da comunicação (KÜNSCH, 2009, p.46).

Sob o expediente da argumentação, e valendo-se da potencialidade espacial advinda da internet, as produções de Brum revelam de modo mais nítido interfaces com a proposta de Künsch à prática jornalística. Por isso, aos traços característicos da matriz conceitual dos desacontencimentos, que remontam ao período inicial da carreira de Brum no meio impresso, propõe-se entrelaçar um universo epistemológico mais amplo, pautado na associação da Complexidade e da Compreensão, para a fundamentação de novas reflexões acerca da nova etapa produtiva de Brum como colunista de opinião.

Acredita-se, assim, que a essência dos desacontencimentos se preserva no novo trajeto profissional de Brum, tanto sob o movimento da reportagem característico de seu fazer quanto sob seu interesse pela abordagem de “fatos não-marcados” (SODRÉ, 2009); no entanto, há que se evidenciar que um gênero jornalístico distinto e um novo ambiente narrativo impulsionam novas demandas teóricas. Neste sentido é que se lança mão dos dispositivos conceituais da epistemologia complexo-compreensiva para analisar as produções de Brum, que agora se manifestam também sob as vias da argumentação.

Isso porque se defende que, muito mais do que dialogar com o campo da comunicação, a perspectiva da complexidade pode enriquecer a *práxis* jornalística “ao ajudar a construir uma narrativa que realmente dê conta das demandas da sociedade contemporânea”, “valorizar as probabilidades de conexões”, “perceber a realidade com suas diversas formas e múltiplos sentidos” (KÜNSCH, 2010, p.204). Adiante, portanto, propõe-se investigar o trabalho de Brum como colunista do El País Brasil com base nessas novas matrizes teóricas do universo dos desacontencimentos.

O percurso de Eliane Brum como colunista: o caso El País Brasil

Desde o início das operações do El País no Brasil, em novembro de 2013, com a criação de uma redação em São Paulo e o lançamento de um portal brasileiro, as colunas de Eliane Brum são publicadas quinzenalmente no jornal, e também traduzidas às outras edições digitais, de América e de Espanha. Esse novo percurso profissional, conforme pontuado anteriormente, agrega dois novos elementos ao escopo da prática jornalística

de Brum, ou dos desacontecimentos: o gênero opinativo, ao qual nos referimos como expediente argumentativo, e o próprio ambiente da internet.

A possibilidade de aprofundamento narrativo e de ampliação de vozes impulsionada pela web, associada à própria demanda por interpretação dos fatos contemporâneos atuais, acaba por tornar as colunas de Brum um espaço de experimentação constante:

É frequente eu ser abordada por leitores perplexos: “Nunca sei o que vou encontrar na sua coluna de segunda!”. É exatamente isso. Eu escrevo sobre a vida misturada, para além dos escaninhos das editorias, e com mais de um estilo, porque cada história pede um ritmo diverso e palavras próprias. E acho que nunca me misturei tanto quanto ao escrever essa coluna, na qual pude incluir minha paixão por literatura e por cinema e também meu gosto por política. Se as divisões arbitrárias de cultura, comportamento, economia, política etc. – ou variações similares – servem para organizar a publicação, qualquer jornalista sabe que uma boa reportagem ou um bom ensaio ou uma boa coluna é misturada, porque a vida não se deixa compartimentar. Ao contrário, ela escapa das definições, escapa até das palavras (BRUM, 2013, p.15).

De acordo com Espinosa (2010, p.106), a liberdade de estilo narrativo é uma das características mais relevantes da coluna. Sob a via da argumentação, a autora destaca, o jornalista tem, em teoria, autonomia para escrever sobre o que considera oportuno e ainda escolher o melhor formato para fazê-lo. Neste sentido, ela coloca que a coluna é “una arte y una técnica que se adapta a la personalidad del articulista”, de modo que os colunistas podem “introducir en mayor grado sus sentimientos y expresiones personales que en formas más rígidos”, e sua própria opinião pode ser divergente do ponto de vista da linha editorial da empresa de comunicação.

A partir desta liberdade, Espinosa indica que o estilo de uma coluna pode ser flexível, manifestando-se ora por descrição, interpretação, argumentação ou, ainda, por uma combinação desses formatos.

Las columnas ayudan a introducir en los lectores un cambio respecto al estilo más encorsetado que pueda existir en la redacción de los géneros periodísticos, ya que proporcionan colorido, diversidad y opinión al diario. Por tanto, la estructura de la columna no puede ajustarse a un modelo preestablecido, porque es el género periodístico más personal y libre de todos; cada columnista adapta su redacción a como más conviene a la información con que cuenta y al objetivo de sus opiniones (ESPINOSA, 2010, p.107).

Por esta linha de pensamento, pode-se compreender a definição de Brum (2013, p.15) sobre si mesma como colunista: uma “desidentidade”. A cada texto, Brum

empreende um caminho de saída de si, uma rota que parte de seu olhar sobre determinado universo, ou mesmo sobre sua realidade interna, para adentrar horizontes diferentes dos seus e articular contextos. A cada texto, por isso, também faz parte a descoberta da arquitetura narrativa mais adequada, ou da melhor forma de contar.

Esse traço singular de sua escrita é o aspecto que mais chama a atenção de Antonio Jiménez Barca, diretor do El País no Brasil: “ela tem um jeito de fazer artigo muito original. Porque não é uma coluna de opinião, não é uma reportagem, não é uma crônica, mas é tudo junto. O jeito de escrever dela é muito pessoal. Ela chegou a ter um estilo próprio” (2017, informação verbal³). Na percepção de Barca, os assuntos pautados por Brum e a maneira como ela estrutura sua narrativa e transparece suas visões de mundo são os pontos que mais atraem os leitores. Ele exemplifica com a coluna “Morrendo como objeto”, publicada em janeiro de 2017: “é uma matéria sobre a morte de seu pai, muito pessoal, que ela extrapola depois para discutir o sistema de saúde brasileiro”.

Óscar Curros, tradutor das colunas de Eliane Brum ao El País, do português ao espanhol, que acompanha o trabalho da jornalista há mais de três anos, pontua que pensar em coluna, no caso de Brum, é quase como pensar em romance.

As colunas dela são textos muito complexos, porque a gente ainda chama de coluna, mas, na verdade, é quase um gênero novo, porque, em muitos casos, é uma grande reportagem, ou ensaios, e até metarelato, porque muitas vezes ela fala de como ela constrói as histórias, a perspectivas dela. Então coluna, nesse caso, é quase como dizer romance. O romance é um gênero que cabe tudo, e muitas das colunas envolvem uma parte de reportagem e uma parte de opinião também. Acho que, talvez, o que elas mantêm de coluna, de maneira muito clara, é a transparência da autora (CURROS, 2017, informação verbal⁴).

A essas colunas, que ora intercalam vivências universais e individuais, ora articulam questões históricas, políticas e culturais, Barca (2017, informação verbal) se refere: “o gênero é Eliane Brum. Ela escreve uma coluna que é Eliane Brum”. De modo a aprofundar as investigações em torno dessas configurações narrativas e desta prática jornalística singular, que temos denominado Jornalismo de Desacontecimentos, dedicamos um estudo interpretativo das duas colunas de Brum mais acessadas por leitores do El País Brasil.

³ Entrevista realizada no dia 24 de janeiro de 2017.

⁴ Entrevista realizada no dia 23 de janeiro de 2017.

Os dados referentes à visibilidade desses textos, assim como as entrevistas explicitadas anteriormente, foram coletados durante investigação de campo⁵ realizada na sede do diário em Madrid, na Espanha, durante os meses de janeiro e fevereiro de 2017. Ressalta-se, no entanto, que esses dados referentes à edição brasileira foram divulgados desde o México, pelo diretor do El País América, Luis Prados de la Escosura⁶, uma vez que este material é gerenciado como parte das publicações da edição latina, e que, de forma a resguardar o sigilo solicitado pela direção da edição de América, a quantidade exata de navegadores únicos de cada texto não será divulgada. Entretanto, é possível destacar que o texto mais visto de Brum em 2016 foi “Na política, mesmo os crentes precisam ser ateus” e contabilizou mais de 200 mil navegadores únicos.

O destaque de *pageviews* parte das manifestações de março de 2016 para discorrer sobre o momento histórico vivido pelo Brasil. Aprofunda a reflexão para além da realidade de descrença nos políticos e nos partidos tradicionais – “já um lugar comum” -, interessando-se em analisar o fato de que “a esta descrença se contrapõe não mais razão, mas uma vontade feroz de crença” (BRUM, 2016). Identifica, neste sentido, a angústia atual do Brasil em uma vontade da população “em acreditar que algo é verdadeiro num cotidiano marcado por falsificações”. E assinala o perigo de um acreditar quando os roteiros políticos são escritos por marqueteiros.

Diante de um cenário marcado pela polarização dos discursos e por uma representação maniqueísta do real, a abordagem jornalística de Brum enfoca uma mirada complexa, na chave da proposta epistemológica de Künsch (2010, p.17), de “pensar no quadro envolvente de multicausalidades, múltiplos ângulos e perspectivas”, resistindo à mentalidade “tradicionalmente viciada a alcançar rapidamente respostas pela via fácil da explicação, da simplificação e da redução de sentidos”.

Quando os dias, as vozes e as imagens soam falsas, e a isso ainda se soma um cotidiano corroído, há que se agarrar em algo. Quando se elege um culpado, um que simboliza todo o mal, também se elege um salvador, um que simboliza todo o bem. A adesão pela fé, manifeste-se ela pelo ódio ou pelo amor, elimina complexidade e nuances, reduz tudo a uma luta do bem contra o mal. E isso, que me parece ser o que o Brasil vive hoje, pode ser perigoso. Não só para uma ditadura, como é o medo de alguns, mas para que se instale uma democracia de fachada, como já vivemos em alguns aspectos (BRUM, 2016).

⁵ Estágio de pesquisa realizado no *Internet Media Lab*, associado à *Facultad de Ciencias de la Informacion*, da *Universidad Complutense de Madrid* (BEPE/FAPESP – processo 2016/13666-5).

⁶ Dados divulgados em entrevista realizada no dia 03 de fevereiro de 2017.

As consequências de tal visão parcelar, continua Brum, expressam-se no “ódio que justifica a destruição daquele que naquele momento encarna o mal”, na vontade de destruição que atravessa a sociedade e que “assinala mesmo pequenos atos do cotidiano”. Brum enxerga, assim, para além dos fatos, os seus desdobramentos e os seus contextos. Aponta, para além das imagens das manifestações que parecem retratar uma massa verde-amarela lutando pelo fim da corrupção no Brasil, os múltiplos significados manifestos pelos detalhes, daqueles que estiveram e daqueles que não estiveram nas ruas:

Quem quer o fim da corrupção no Brasil não levanta bonecos de Lula (PT) e de Dilma (PT) e esquece todos os outros que não pertencem ao partido que quer arrancar do Governo. Quem quer o fim da corrupção no Brasil jamais teria negociado com Eduardo Cunha (PMDB), como lideranças que organizaram as manifestações negociaram há pouco tempo atrás. Nem usa camiseta da CBF, mais corrupta impossível. Nem tira *selfies* com uma polícia que sistematicamente viola a lei (BRUM, 2016).

Neste sentido, a coluna expande o debate para outros campos implicados na dinâmica política nacional, de maneira a conectar, tal qual ensina o pensamento complexo, pontos compartimentados pela simplificação. Alude, então, às ações governamentais do passado e do presente e aos deveres e excessos de diferentes órgãos federais, recordando a construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no Xingu, e a realização da Copa do Mundo de futebol em 2014.

A prática jornalística de Brum, deste modo, “se arrisca a pensar” e “aumentar as nuances”: “apesar de muito mais difícil, é bem melhor que as coisas sejam vistas como de fato são – complexas” (BRUM, 2016). Sua escrita dedica-se a evidenciar os diálogos e as esquinas nem sempre visíveis, de fatos e personagens, na busca permanente pela mirada dos desacontecimentos.

Retomando Morin (2007, p.08): “se a complexidade não é a chave do mundo, mas o desafio a enfrentar, por sua vez o pensamento complexo não é o que evita ou suprime o desafio, mas o que ajuda a revela-lo, e às vezes mesmo a superá-lo”, destaca-se um dos trechos finais da coluna de Brum – que parece bem se articular com os apontamentos dos teóricos expostos aqui:

Talvez o mais importante, neste momento tão delicado, seja resistir. Resistir a aderir pela fé ao que pertence ao mundo da política. Fincar-se na razão, no pensamento, no conhecimento que se revela pelo exercício persistente da dúvida. É mais difícil, é mais lento, é menos certo e sem garantias. Mas é o que pode permitir a construção de um

projeto para o Brasil que não seja o da destruição. Quem sofre primeiro e sofre mais com a dissolução em curso são os mais pobres e os mais frágeis. É preciso resistir também como um imperativo ético (BRUM, 2016).

Sob o expediente da argumentação, portanto, o movimento de reportagem característico de Brum, isto é, o exercício de atravessar a rua de si em direção ao Outro, revela-se pelo interesse em complexificar as questões contemporâneas, em um exercício para alargar os horizontes reflexivos e profundizar as camadas superficiais:

Uso parte do processo de reportagem para escrevê-la: parto de um espanto e inicio uma investigação movida pelas dúvidas. Minha busca é por iluminar os cantos escuros dos acontecimentos e, principalmente, acrescentar novos questionamentos ao cotidiano dos leitores. Penso que qualificar as questões sobre nosso tempo histórico é mais importante do que concordar ou discordar de uma ideia. Tudo isso é o que me move a escrever a coluna (CALDAS, 2013, arquivo digital).

Na segunda coluna mais acessada pelos leitores em 2016, “1500, o ano que não terminou”, os elementos apontados por Brum neste percurso produtivo se fazem notar. O texto aborda a morte de Vitor Pinto, bebê indígena de dois anos, em Imbituba, no litoral de Santa Catarina, nas vésperas do Natal de 2015. A reflexão, pautada pelo olhar insubordinado dos desacontecimentos, desdobra-se de uma pergunta central lançada logo no início: “quem chorou por Vitor, o bebê indígena assinado com uma lâmina enfiada no pescoço?” (BRUM, 2016).

O percurso indagativo questiona a postura dos meios de comunicação e da sociedade, e inclui a jornalista no debate: “sua morte sequer virou destaque na imprensa. Se fosse meu filho, ou de qualquer mulher branca de classe média, assassinado nessas circunstâncias, haveria manchetes, haveria especialistas analisando a violência, haveria choro e haveria solidariedade”. Vale-se do recurso discursivo da repetição para marcar a ênfase do porém que obstruiu a comoção nacional, assim não apenas narrando o que está à margem, mas qualificando o seu contexto: “mas Vitor era um índio. Um bebê, mas indígena. Pequeno, mas indígena. Vítima, mas indígena. Assassinado, mas indígena. Perfurado, mas indígena. Esse ‘mas’ é o assassino oculto”.

A observação de Brum atenta aos detalhes também dá o tom dessa coluna. A partir das fotografias das poucas notícias sobre a morte de Vitor, discorre sobre os significados manifestos pelos elementos da imagem:

A fotografia mostra o chão de cascalho e concreto da estação rodoviária. Um par de sandálias havaianas azul, com motivos infantis. Uma garrafa pet, uma estrelinha de brinquedo, daquelas de fazer

molde na areia, uma tampa de plástico do que parece ser um baldinho de criança, uma pequena embalagem em formato de tubo, um pano florido amontoado junto à parede, talvez um lençol. Essa foto é um documento histórico. Tanto pelo que nela está quanto pelo que nela não está. Nela permanece o descartável, os objetos de plástico e de pet, os chinelos restados. Nela não está aquele que foi apagado da vida. A ausência é o elemento principal do retrato (BRUM, 2016).

Para além da postura questionadora e reflexiva de Brum, o valor que cabe ressaltar como fio condutor da narrativa é o seu gesto compreensivo à realidade dos povos indígenas. Postura essa que, na chave de pensamento de Morin (2002, p.95), inclui um processo de empatia, identificação e projeção: “sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade”. No movimento de lançar-se à alteridade, Brum busca, tal qual propõe Buber (1982), tornar o Outro presença, aproximando-se de sua realidade.

Parece não bastar que Vitor, um bebê de dois anos, passasse semanas no chão de uma rodoviária porque a violência contra seu povo foi tanta e por tantos séculos e ainda hoje continua que seus pais, Sônia e Arcelino, precisam deixar a aldeia para vender artesanato. É importante perceber o nível de desamparo que leva alguém a considerar rodoviária um lugar seguro e acolhedor. Terminais rodoviários são locais de passagem, e a família de Vitor, assim como a de outros indígenas, abriga-se lá porque há movimento. Rodoviária é lugar de ninguém. E por isso nela costumam caber os mendigos, os meninos de rua, os bêbados, as putas, os loucos, os párias. E os índios. Ou cabiam. E já não cabem mais (BRUM, 2016).

O texto percorre também as visões que predominam nos projetos políticos e os discursos sociais que deslegitimam a vida cultural indígena – “no passado, os índios são alegoria. ‘Olha, meu filho, como eram valentes’. No presente, são ‘entraves ao desenvolvimento’. Os índios precisam ser falsos porque suas terras são verdadeiras – e ricas” -, abordando, ainda, o progressivo desmonte da Fundação Nacional do Índio (Funai), os interesses do agronegócio e as grandes obras energéticas que ameaçam essa população e o seu meio, como a usina hidrelétrica de Belo Monte, no estado do Pará, temática essa recorrente em suas produções.

Evidencia-se, assim, como um dos múltiplos assuntos implicados na pauta, a reflexão maior em torno do fenômeno da relação e da dificuldade em aceitar o lugar do Outro – o que resulta, por vezes, na eliminação, simbólica e física, do diferente. Além do intento, sempre permanente de Brum, de complexificar os fatos, cita-se o seu exercício narrativo de integrar, todos, na discussão das questões que marcam o cenário atual:

Quem de fato assassinou Vitor talvez seja investigado, julgado, condenado e punido, o que já é uma raridade em mortes de indígenas no Brasil, marcadas pela impunidade. Mas é preciso fazer perguntas mais complicadas. Quem armou essa mão? Que encruzilhada histórica permitiu que Vitor fosse o bebê escolhido pelo assassino, independentemente de sua sanidade ou insanidade – e não o meu filho ou o seu? Onde estamos nós nesta foto em que estamos sem estar? (BRUM, 2016).

Na dinâmica jornalística de Brum, portanto, sob gêneros informativos ou opinativos, preserva-se o escopo essencial dos desacontecimentos, isto é, o seu interesse sempre em relevo de tratar fatos não-marcados pela mídia convencional, seja pela abordagem de protagonistas anônimos ou pela abordagem de perspectivas nem sempre destacadas pelas coberturas tradicionais.

Ainda sobre a coluna em questão, assinala-se, por fim, à alusão de Brum àqueles pouco retratados e contados: uma espécie de síntese, sob uma arquitetura argumentativa, do trabalho jornalístico e repórter de Brum pelas ruas e florestas do Brasil, ou, ainda, as realidades que ela sempre buscou iluminar em sua trajetória profissional:

Quem continua morrendo de assassinato no Brasil, em sua maioria, são os negros, os pobres e os índios. O genocídio segue diante da indiferença, quando não aplauso, do que se chama de sociedade brasileira. Começamos 2016 como acabamos 2015. Obscenos. Os fogos do Ano-Novo já fracassam no artifício. Estamos nus. E nossa imagem é horrenda. Ela suja de sangue o pequeno corpo de Vitor por quem tão poucos choraram. Dizem que 2015 é o ano que não acaba. Ou que 2013 é que não chega ao fim. Para os indígenas é muito mais brutal: o ano de 1500 ainda não terminou (BRUM, 2016).

O novo percurso narrativo de Brum na web parece oferecer, assim, o conteúdo do qual comenta Edo (2003, p.63): em face à cultura digital, talvez “sea más necesaria que nunca la interpretación, ya que la audiencia recibe un exceso de información, difícilmente asimilable, que reclama un análisis más reposado y completo”. Nesta linha de produção complexa e compreensiva, manifesta sob o olhar ao que desacontece, acredita-se, reside uma das possibilidades de revigoração para a prática jornalística atual.

Considerações Finais

O trajeto de investigação desenvolvido neste artigo buscou contemplar as demandas reflexivas da nova dinâmica profissional de Eliane Brum, de modo a lançar hipóteses e inferências para fundamentar uma compreensão em torno de sua prática como colunista no ambiente digital – especificamente, para a edição digital do El País

Brasil. Tal qual evidenciado nas entrevistas e apontamentos interpretativos expostos anteriormente, suas produções manifestam diversas nuances narrativas, caracterizando-se como um espaço de interface de múltiplas abordagens e de um entrecruzamento de questões e fatos da contemporaneidade. Permanecem sendo marcadas, no entanto, pelo interesse jornalístico de Brum de divergir da cobertura midiática convencional – desde a escolha da pauta aos procedimentos de apuração, entrevista e redação.

Neste sentido, ainda que seus textos apresentem-se sob o tom argumentativo do gênero de opinião, sua mirada jornalística continua a expressar os traços característicos dos desacontecimentos, isto é, a beber da mesma fonte que consagrou a primeira fase de sua carreira: a reportagem. Desta forma, mesmo na cobertura de momentos políticos ou culturais, é possível identificar o movimento de despojamento definidor de sua prática – o esvaziamento de si para ser tomada pelos significados de protagonistas ou fatos sociais -, articulado à mobilização dos sentidos e ao diálogo aberto e inclusivo com o Outro. Há que se ressaltar, todavia, a presença de novos contornos a revestir a escrita dos desacontecimentos: o universo epistemológico complexo-compreensivo.

Tal qual procuramos dar mostra na análise interpretativa, esta visada reflexiva empreendida por Künsch e Medina, no jornalismo, e por Morin e outros estudiosos no saber científico, intenta propor caminhos e alternativas ao cenário atual, sendo possível, assim, observar um diálogo entre o pensamento complexo e o gesto compreensivo e a nova dinâmica produtiva de Brum. Acredita-se, por isso, que a articulação entre a matriz, digamos, inaugural dos desacontecimentos e esse novo escopo complexo-compreensivo enriquece teoricamente a investigação acerca do jornalismo de Brum, além de auxiliar na compreensão da configuração narrativa de seus registros como colunista.

O entrelaçamento desses dois arcabouços sob uma mesma chave propositiva também pode ser uma das vias para compreender o reconhecimento nacional e internacional do trabalho jornalístico de Eliane Brum e o seu alcance, ou a visibilidade de seus textos, juntos aos leitores da edição brasileira do El País. Diante da diversidade de formatos e assuntos explorados por Brum na escrita de suas colunas, em contraponto à própria padronização de conteúdos e coberturas dos grandes meios, a visada complexa e insubordinada dos desacontecimentos pode despontar como um fator favorável ao interesse do público por narrativas com o estilo de Eliane Brum.

Referências Bibliográficas

BRUM, Eliane. **A menina quebrada e outras colunas** de Eliane Brum. Porto Alegre: Arquipelago Editorial, 2013.

_____. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

_____. Na política, mesmo os crentes precisam ser ateus. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/14/opinion/1457966204_346156.html> Acesso em: 14 março 2017.

_____. 1500, o ano que não terminou: Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/04/opinion/1451914981_524536.html> Acesso em: 14 março 2017.

BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

CALDAS, Edson. “Foi uma decisão difícil, mas necessária”, diz Eliane Brum sobre fim de coluna na “Época”, **Portal Imprensa**, 24 setembro 2013. Disponível em: <<http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/61368/foi+uma+decisao+dificil+mas+necessaria+diz+eliane+brum+sobre+fim+de+coluna+na+epoca>> Acesso em: 14 março 2017.

ESPINOSA, Pastora. Opinión en la era digital: lenguaje, géneros y estilo. In Flores Vivar, J. (Ed.). **Reinventar el periodismo y los medios**: apuntes sobre el estado del arte en la construcción del ciberperiodismo. Madrid: Editorial Fragua, 2010.

KÜNSCH, Dimas. Comunicação e pensamento compreensivo: um breve balanço. In KÜNSCH, Dimas A.; MARTINO, L. M. S. (Org.). **Comunicação, jornalismo e compreensão**. São Paulo: Editora Plêiade, 2010.

_____. Mais interrogações e vírgulas, menos pontos finais: pensamento compreensivo e comunicação. **Líbero** (São Paulo), São Paulo, Brasil, v. 12, n. 24, p. 41-50, dez. de 2009.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Ática, 2008.

_____. **Atravessagem**: reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª edição. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2002.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Vol. 2. Insular: Florianópolis, 2008.

VENTURA, Mauro; ABIB, Tayane. A notícia como desacontecimentos: possibilidades de inovação a partir das narrativas de Eliane Brum. **Revista Comunicação Midiática (Online)**, Bauru/SP, V.10, N.3, pp.135-150, set/dez. 2015.

VENTURA, Mauro; ABIB, Tayane. Sensibilidade, dialogia e afetos no jornalismo: articulações para ampliação do horizonte de compreensão do Outro. Revista **Razón y Palabra**, V.20, N.93, pp.333-345, abril/junio 2016.